



O GRUPO DE PERCUSSÃO BRASILIENSE FAZ MARATONA DE OFICINAS E APRESENTAÇÕES EM CAMARÕES, BOTSUANA, QUÊNIA E GABÃO E REÚNE UMA COLEÇÃO DE HISTÓRIAS COMO LEMBRANÇAS DA VIAGEM

PATUBATÊ NA África

Arquivo Pessoal



Na África, a participação intensa da meninada chamou a atenção dos músicos: disciplina

» Agenda cheia

Trabalho não vai faltar ao Patubatê nos próximos meses. Ainda este mês, eles se apresentam no Rio Quente Resort, em Caldas Novas. Em julho, farão oficinas em Joinville (SC). Para setembro, estão previstos um show no Rio de Janeiro e a participação no festival Espírito Mundo, realizado na Espanha por uma produtora capixaba. "Ainda precisamos de patrocínio para as passagens", avisa Fred Magalhães. Em 2012, eles farão parte de um projeto português, o *Lusofonia*, que reunirá oficinas de artistas de Cabo Verde e Timor Leste, além de Brasil e Portugal. A primeira edição será no país europeu, mas a ideia é estender o evento aos demais países participantes. Além de Fred, Fernando, Leandro e Gustavo Lavoura, o Patubatê ganhou um novo integrante: o percussionista baiano Pablo Maia.



Carlos Vieira/ Esp. CB/D.A. Press

» MARIANA MOREIRA

O relhão, panelas, raladores de queijo, baldes, porcas e parafusos, chapas de caminhão, bolas de basquete. Citados assim, os objetos não trazem muita coisa em comum, mas o grupo de percussão Patubatê os transformou em itens complementares. Afinal, é deles que os músicos extraem a batida, que se casa com o som operado pelo DJ, em performances frenéticas e vigorosas. A fórmula já é sucesso em terras brasileiras. A agenda do grupo vive lotada, convites não param de chegar na caixa de e-mail. E o prestígio anda cruzando oceanos. Depois de passar por Estados Unidos, Europa e Burkina Faso, o Patubatê voltou à África para mais uma maratona de oficinas e apresentações.

O roteiro incluiu as capitais de Camarões, Botsuana, Quênia e Gabão, num périplo de 15 dias. A oportunidade surgiu quando uma aluna da oficina que eles mantêm desde 2009, no colégio Inei, contou sobre um projeto do Itamaraty, que estimula a divulgação cultural do país no exterior. "Agora estou dando prioridade à África, porque na Europa e nos Estados Unidos já conhecem bastante o trabalho dos brasileiros", destaca Fred Magalhães, um dos integrantes do Patubatê. Durante o tour, eles aproveitaram para travar contato com brasileiros saudosos das raízes, submeteram-se à curiosidade de estrangeiros e arranharam expressões nos diversos dialetos locais. Além, é claro, de conhecer músicos, ritmos e instrumentos locais.

Em Gaborone, capital de Botsuana, os músicos conheceram um grupo de dança tribal em que homens de tanga (que os fizeram lembrar o filme *Os deuses devem estar loucos*, de James Uys) fazem uma dança ritmada, com chocalhos amarrados nas pernas. "Alguns tocam tambor, marimba e xilofone e outros dançam com chocalhos. Mas é uma dança ritmada, que faz parte da música", conta



A facilidade para tocar é igual em todos esses países, mas cada lugar tem uma percussão diferente"

Fernando Mazoni, integrante do Patubatê

Fred Magalhães. No país, também experimentaram a aprovação da plateia. "Um grupo de americanos que estava hospedado no nosso hotel viu nossa performance e disse que somos melhores que o Blue Man Group", diverte-se Leandro Ferrer, responsável pela batida eletrônica dos shows.

Já em Nairóbi, no Quênia, eles descobriram um grupo com proposta semelhante ao deles: fazer música com sucata e objetos inusitados. Além dos baldes e tampas de lixo, encontraram material que não fazia parte dos "instrumentos" que já conheciam, como uma cuscuzeira africana que, cheia de pedras, virava chocalho. No Quênia, eles se apresentaram em um restaurante de carnes exóticas da capital, o Carnivore, e visitaram uma aldeia global, onde as crianças já os aguardavam com material separado para a confecção de instrumentos musicais.

Criançada

A experiência que mais os entusiasmou, no entanto, foi a passagem por Camarões. "Percebemos a participação mais intensa da meninada", conta Fernando Mazoni, outro integrante da banda. O comportamento dos meninos e meninas nas oficinas também impressionou os músicos.

"Dávamos o instrumento na mão deles e eles ficavam quietinhos observando, esperando nosso comando para que comessem a tocar. É muita disciplina", elogia Magalhães.

Em Iaundê, capital dos Camarões, o grupo se apresentou em um antigo bordel, desativado para dar lugar a uma casa de shows. Toda refeita em pau de pique e palha, com uma árvore ao lado do palco, o espaço, chamado Terra Bati, parecia um cenário cinematográfico. O problema é que as instalações elétricas não fizeram jus à beleza do lugar. Ainda durante a passagem de som, a energia caiu a todo instante. Uma hora e meia depois, companhia elétrica local convocada, um homem subiu no telhado de uma casa e fez um "gato", puxando a energia de um poste de eletricidade. O show transcorreu sem maiores transtornos, e como ocorreu em todas as apresentações, teve direito a presente no fim: um engradado de cerveja, colocado no meio do palco e compartilhado com a plateia.

A estadia no Gabão, em Libreville, foi um prato cheio para a pesquisa de instrumentos típicos. Lá, eles travaram contato com o grupo Scenart, cujo cantor tinha um timbre que os agradou em cheio e ainda tocava berimbau de boca (em que a cabaça é a cavidade bucal do músico). O grupo também usava uma harpa pequena, com uma sonoridade que fazia lembrar cânticos religiosos. Outra descoberta foi um estudioso de pinos metálicos, tocados cujo corpo é cravejado de pinos metálicos, tocados pelo músico com os dois polegares.

De volta a Brasília, o grupo se organiza para manter a rotina em alta rotatividade, sem deixar de compartilhar as melhores lembranças da viagem. "A facilidade para tocar é igual em todos esses países, mas cada lugar tem uma percussão diferente", conta Fernando Mazoni. "Para eles, a percussão é muito importante. Nos eventos, feiras, festas, tudo é percussão. Estávamos em casa", completa Fred Magalhães.

www.correiobraziliense.com.br

Veja o vídeo com apresentações do Patubatê.